

DO TRAÇADO FORMAL AO ORGÂNICO: As facetas do engenheiro urbanista Jorge de Macedo Vieira

Marcella Ferraz de Oliveira (IC) e Heraldo Ferreira Borges (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackpesquisa

RESUMO

Jorge de Macedo Vieira foi um engenheiro-urbanista de extensa atuação no planejamento de bairros em São Paulo. No início de sua carreira, ainda como estagiário, atuou na Cia. City ao lado do arquiteto inglês Richard Barry Parker, na concepção dos primeiros bairros-jardim da cidade. Fora da Cia. City, Macedo Vieira projetou loteamentos que seguiam os mesmos preceitos e aspectos da forma urbana implementados por esta companhia inglesa, com a diferença de em seus projetos, em geral, terem como alvo os trabalhadores operários e a população das classes média e baixa. Neste contexto, planejou, na década de 1920, os bairros Jardim Japão e Vila Maria, situados na zona nordeste de São Paulo. Dado o contexto de desenvolvimento e transformação urbana constante desta metrópole, surgiu o questionamento de como a forma urbana desses loteamentos, traçados por Macedo Vieira, teriam se desenvolvido ao longo deste quase um século. Para tanto, a análise formal e social dos bairros em questão foi realizada com embasamento no estudo da disciplina de morfologia urbana, entendendo esta como um resultado das relações sociais atuantes em um território. Com suporte dos resultados visa-se lançar o debate sobre a necessidade da implantação de estratégias de preservação da forma urbana desses bairros que, por mais que sejam ordinários, são testemunho do período de definição do traçado urbano da cidade de São Paulo.

Palavras-chave: Jorge de Macedo Vieira; forma urbana; *garden-city*.

ABSTRACT

Keywords: Jorge de Macedo Vieira; *urban form*; *garden-city*.

Jorge de Macedo Vieira was an engineer and urban planner with extensive experience in neighborhood planning in São Paulo. As an intern, earlier in his career, he worked at Cia. City with the English architect Richard Barry Parker, designing the city's first garden-city neighborhoods. Once Macedo Vieira left Cia. City, he continued designing allotments that followed the same precepts and aspects of urban form implemented by this English company, with the difference that in their projects, in general, they targeted workers and the middle and low class and population. In this context he planned, in the 1920s, the Jardim Japan and Vila Maria neighborhoods, located in the northeast of São Paulo. Given this scenario of constant

urban development and transformation of this metropolis, the matter of how the urban form of these subdivisions, traced by Macedo Vieira, would have developed over the course of almost a century urges. For such, the formal and social analysis of the neighborhoods presented here was based on the study of the urban morphology discipline, understanding it as a result of the social relations happen in a site. Based on the results, its aimed to be launch the debate on the need to implement strategies to preserve the urban form of these neighborhoods, which, however ordinary, are a testimony to the time that the urban form of the city of São Paulo was defined.

1. INTRODUÇÃO

Este último século tem sido marcado pela rápida transformação das cidades. De acordo a Organização das Nações Unidas- ONU, projeta-se que até 2050 a população urbana seja o dobro da atual. Diante deste contexto de alta urbanização, o planejamento das cidades é tema de estudos, encontros e documentos que visam ordenar o crescimento urbano e mitigar os efeitos indesejados que podem decorrer deste processo. A compreensão do território é, assim, imprescindível para que possa ser planejada a organização dos espaços públicos e construídos, uma vez que o crescimento desordenado pode levar consequências como a perda de referencial histórico, arquitetônico e social de um certo lugar. Sendo o espaço – urbano, neste caso - configurado pelo traçado viário, o parcelamento, a tipologia das edificações e ainda, por fatores sociais da região, transformações indevidas são capazes de arruinar esses elementos caracterizadores da morfologia urbana de um sítio, rompendo com seus laços de significação e identidade.

Contudo, a transformação das cidades é inevitável. Para MOUDON, *“Buildings, gardens, streets, parks, and monuments, are among the main elements of morphological analysis. These elements, however, are considered as organisms which are constantly used and hence transformed through time”* (MOUDON, 1997, p.3). Por isto, a análise da forma urbana é um instrumento importante no auxílio de intervenções no tecido preexistente, evitando perdas de aspectos importantes do território, tanto no âmbito material, como no imaterial. Perante este cenário, acredita-se na importância da análise do histórico, formação, e evolução dos bairros tradicionais e em pleno desenvolvimento em São Paulo.

A transformação da capital paulista vem acontecendo cada vez de forma mais rápida. A partir do fim do século XIX, com o advento de prosperidade da economia cafeeira, a cidade passou a crescer exponencialmente em termos populacionais e territoriais. Naquele momento de progresso, a cidade atraiu investimentos para vários setores, sobretudo para o de desenvolvimento urbano e imobiliário: houveram investimentos em planos urbanos para embelezamento da cidade aos moldes das cidades norte-americanas e europeias, à exemplo do Plano de Melhoramento desenvolvido por Bouvard, e surgiram loteamentos de bairros residenciais para abrigar a camada abastada que se instalava em São Paulo.

Em relação a estes bairros planejados, a Cia. City - *City of São Paulo Improvements and Freehold Land Company* – teve atuação de destaque. No início do século XX, a Cia. City era proprietária de aproximadamente 40% da área total da cidade de São Paulo (WOLF), o que atesta sua importância na consolidação da trama urbana desta cidade. Ademais, a City foi responsável pela introdução do modelo urbanístico do bairro-jardim nesta capital, em meados dos anos de 1910.

Muitas companhias loteadoras surgiram nos cinquenta anos iniciais do século XX, cabendo, no entanto, a primazia inovadora à Companhia City que foi um empresa de capital inglês com sede na Inglaterra e que se instalou na cidade de São Paulo procurando ampliação do capital, trazendo consigo a experiência de Richard Barry Parker para os estudos do primeiro bairro-jardim paulistano, quiçá do país. (LOPES,2016, p. 47)

Em relação a solução urbanística do *garden-city*, Silvia Wolf, estudiosa dos bairros-jardins em São Paulo, afirma:

O conceito genérico de cidade-jardim [garden-city] consagrou-se associado a uma terminologia que transita pelos termos cidade-jardim e subúrbio jardim de maneira nem sempre precisa. A rigor, refere-se a núcleos urbanos que buscavam viver independentes de outras cidades e que surgiram dentro de uma perspectiva de planejamento com finalidades sociais amplas e um espírito que buscava reunir cidade e campo num todo orgânico. Almejava-se uma harmonia inexistente e congestionada e ameaçadora cidade industrial. Subúrbios-jardins caracterizavam-se mais como extensões, conectadas com uma cidade preexistente. (WOLF, 2015)

O movimento das cidades-jardins, ou *Garden-city*, tem origem no estudo teórico do inglês Howard Ebenezer (1850 -1928) sobre utopia de uma comunidade autossuficiente, numa cidade rodeada por áreas verdes que aliaría a praticidade dos centros urbanos com a salubridade do campo. Embora não fosse urbanista, as ideias de Ebenezer sobre o futuro das cidades contribuíram muito para o urbanismo moderno. Esta proposta de Ebenezer, contudo, não se referia somente a um modelo espacial, mas sim a um esquema de cidade autônoma e de gestão comunitária (WOLF, 2015). Como forma urbana, este conceito foi materializado pela primeira vez através do plano da cidade de Lechwork, na Inglaterra, projetada pelos arquitetos Richard Barry Parker e Raymond Unwin.

O arquiteto inglês Richard Barry Parker, instalado em São Paulo e à frente da Cia. City, projetou bairros que se tornaram icônicos pelo modelo urbano aplicado, como é o caso dos bairros Jardim América e Pacaembú. Por sua importância histórica e pela qualidade do traçado, esses e outros empreendimentos semelhantes projetados pela Cia. City, foram tombados pela esfera municipal ou estadual, respectivamente Conpresp/ DPH e Condephaat. Enquadrados por este instrumento legal de proteção, o tombamento, aspectos importantes da morfologia desses bairros foram mantidos, garantindo às gerações futuras o conhecimento desta forma de desenho urbano e da aplicação de conceitos urbanísticos importantes do século XX.

Ainda dentro do contexto do auge da Cia. City, surge outra figura de destaque na consolidação do traçado urbano de São Paulo: o engenheiro-urbanista Jorge de Macedo Vieira. Macedo Vieira trabalhou ao lado de Barry Parker, precursor do bairro-jardim em São Paulo, na Cia. City, ainda enquanto aluno da Escola Politécnica.

Macedo Vieira iniciou sua carreira na City of São Paulo Improvement and Freehold Company Ltd – Cia. City, estagiando ao lado do arquiteto inglês Richard Barry Parker, entre 1917 e 1919, quando Parker esteve no Brasil e projetou alguns “bairros jardins” como Pacaembu, Jardim América, Alto da Lapa e Bela Aliança. Após atuar na Cia. City, Macedo Vieira montou escritório com o companheiro de Politécnica, Mariano de Oliveira Wendell, por dois anos e, a seguir, fundou o próprio escritório técnico, sendo responsável por uma série de loteamentos em São Paulo, mas também em outras localidades como Rio de Janeiro, Campos do Jordão, Nova Friburgo, Campinas, Atibaia, entre outras, além de elaborar projetos para quatro cidades novas: Águas de São Pedro (1940), Maringá (1947), Pontal do Sul (1951, não implantado totalmente) e Cianorte (1955). (BONFATO, 2003)

Ao investigar os projetos elaborados por Vieira já fora da Companhia, fica evidente como foi assimilada sua experiência ao lado de Parker. Macedo Vieira foi responsável pelo plano de diversos bairros na cidade de São Paulo, bem como planejamento de cidades inteiras no interior, na primeira metade do século XX. Muitos desses empreendimentos concebidos por este engenheiro-urbanista têm como característica principal o traçado sinuoso, muito semelhante aos adotados no bairros-jardim da Cia. City. Entretanto, há uma diferença significativa entres os projetos do engenheiro-urbanista e da empresa inglesa: os bairros de Viera em geral eram implantados em zonas mais periféricas da cidade, sendo voltados para a população operária ou de classe mais baixa, enquanto os da City eram introduzidos em zonas nobres e mirando a classe alta da sociedade.

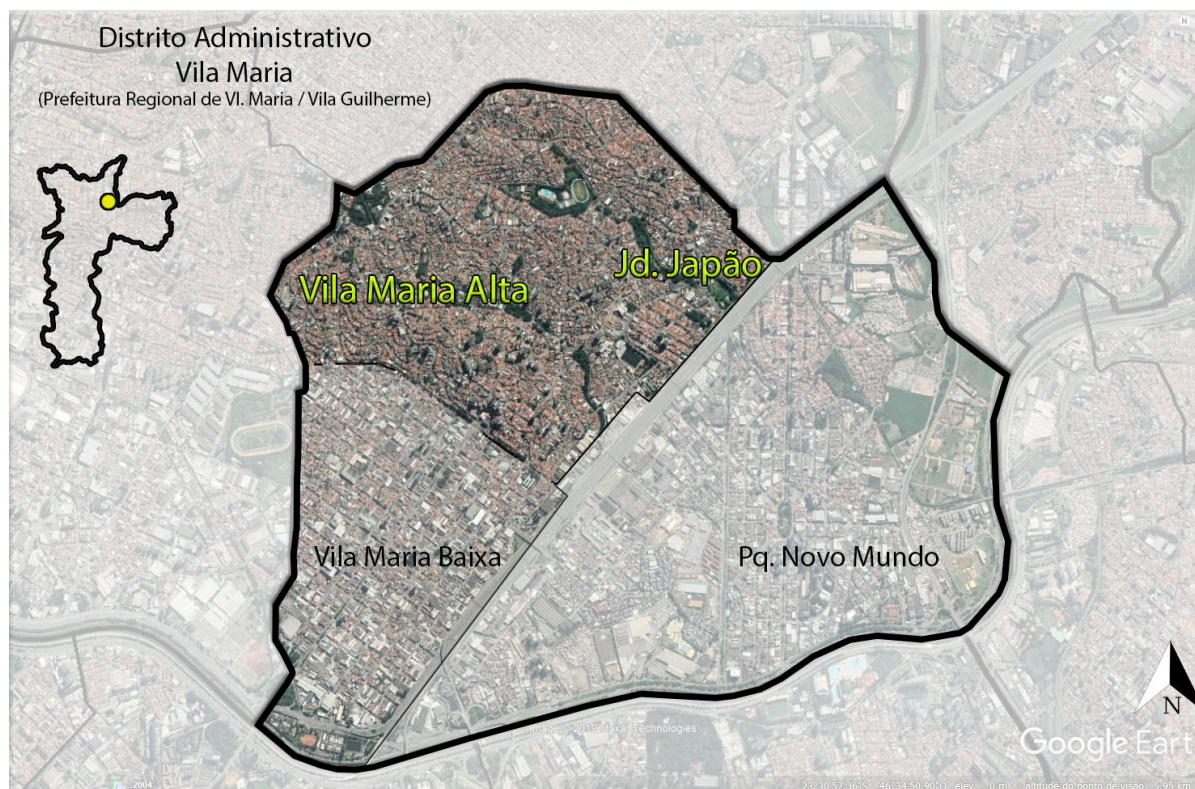
Seus loteamentos localizaram-se, à época da implantação, quase sempre no limite entre as áreas suburbanas e rural. Situados na área de expansão da cidade, eram destinados a faixas de renda mais baixas; eram propostos para bairros populares onde se pretendia alcançar um padrão urbanístico diferenciado do até então existente nestas áreas, pois apresentavam uma alternativa ao modelo vigente da grelha simplesmente sobreposta ao relevo, fosse ele acidentado ou não. (KAWAI, 2000, p. 108)

Pela vasta atuação de Jorge de Macedo Vieira neste período, de consolidação e expansão da cidade, sua contribuição para o desenho urbano de São Paulo é notável e merece destaque. Todavia, a produção de Vieira Macedo continua pouco explorada. Segundo BONFATO, a obra do engenheiro urbanista começou a ser estudada por ocasião da III Bienal Internacional de Arquitetura de 1997, cujo a temática eram as “Cidades-Jardins”. Na organização do evento, o professor doutor Carlos Roberto Monteiro de Andrade, da Escola de Engenharia da Universidade de São Carlos, levantou os primeiros trabalhos de Macedo Vieira. E “*constatada a qualidade das obras, Macedo Vieira foi objeto de uma Sala Especial na IV Bienal Internacional de 1999.*” (BONFATO, 2003)

Dentre os loteamentos projetados por Macedo Vieira, a pesquisa apresentada aqui concentra esforços no território que compreende os bairros de Vila Maria e Jardim Japão,

situados na zona nordeste de São Paulo (Imagem 01). Ambos os bairros foram projetados por Vieira entre os anos de 1922 e 1923, tendo a Vila Maria sido projetada em várias etapas até 1941. Apesar de o Jardim Japão e Vila Maria sejam bairros contíguos, quase confundindo-se como um único distrito, foram projetados em momentos diferentes e por contratantes diferentes. Tal fato é relevante por evidenciar a capacidade de Macedo Vieira em conectar territórios de forma fluida e harmoniosa.

IMAGEM 01. MAPA DE LOCALIZAÇÃO DOS BAIRROS TEMA DE ESTUDO DENTRO DA CIDADE DE SÃO PAULO.



FONTE: MAPA BASE - GOOGLE EARTH.

Cabe ressaltar, que a Vila Maria é conformada pois duas zonas com características morfológicas distintas: A Vila Maria Baixa e a Vila Maria Alta. A primeira, localizada à várzea do rio Tietê, em solo plano, apresenta traçado ortogonal e quadras com tamanhos regulares. Esta parte da Vila Maria já estava implantada antes de 1910, é de autor desconhecido (KAWAI, 2000). Já a Vila Maria Alta, situada em área montanhosa e com de traçado urbano sinuoso, é de autoria de Jorge de Macedo Vieira.

O traçado adotado no Jardim Japão e na Vila Maria Alta, revelam como os preceitos do movimento de origem inglesa, o Garden City, foram fortemente assimilados por Macedo Vieira, em decorrência da sua atuação na Cia. City. Além do traçado e autoria, o Jardim Japão e Vila Maria Alta possuem em semelhante uma característica importante: a topografia do local onde estão localizadas. Célia Kawai, que dedicou estudo à produção urbanística de Macedo Vieira em São Paulo, afirma que “como característica geral de seus projetos, pode-se apontar

a adequação às condições do sítio, a vinculação com a trama urbana do entorno, além da constância e fidelidade ao traçado orgânico adaptado ao relevo. A topografia era valorizada e as questões de drenagem habilmente solucionadas e incorporadas ao traçado urbano”. (KAWAI, 2001, p.102)

Com suporte do apresentado, esta pesquisa pretende dar protagonismo a este importante personagem da história do urbanismo paulistano, além de incitar a discussão sobre o desenvolvimento e transformação de bairros como Vila Maria e Jardim Japão, que, embora ordinários, no sentido de não apresentarem características excepcionais em termos arquitetônicos, são um testemunho do período histórico em que foi definido o traçado urbano desta cidade. É preciso frisar que neste estudo os bairros ditos ordinários, são entendidos como de grande valor para cidade, uma vez ela é constituída e definida sobretudo por isto que é comum, e não pelo extraordinário.

Como mencionado, o tombamento aplicado em instância municipal ou estadual, à alguns bairros-jardins representativos de São Paulo garante a permanência do seu traçado, parcelamento, gabarito e, por conseguinte, de outros elementos da forma urbana originada deste desenho. No entanto, áreas que não são alvo deste instrumento de preservação -e que, ainda podem estar sujeitas à planos urbanos que desconsiderem a forma urbana como um todo - estão fadados à descaracterização, perdendo um importante elo de conexão com o passado e com a história do desenvolvimento da cidade.

A partir da leitura da cartografia disponível de São Paulo, onde já aparecem os bairros em questão, foram analisadas as perdas e permanências da sua morfologia urbana. Como foram projetados na década de 1920, foram consultados e comparados os mapas Sara Brasil de 1930; o Vasp de 1954; o Gegrans de 1973 e do GeoSampa atual. Pela sobreposição desses mapas pretendia-se, com base nos estudos da disciplina de morfologia urbana, qualificar e periodizar as modificações no território.

Os bairros Vila Maria e Jardim Japão foram estudados sob a ótica da Escola Inglesa de morfologia, dado a tipologia de abordagem histórico-geográfica desta doutrina. Dentro das três vertentes de morfologia urbana reconhecidas por MOUDON - a Escola Italiana, Inglesa e Francesa - a Escola Inglesa, ou “Conzeniana”, relativa ao nome do seu preconizador M.G.R. Conzen (1907-2000), aborda a morfologia urbana pela observação da evolução do solo urbano sob o aspecto das transformações e permanências que ocorreram no decorrer do tempo. A escola Conzeniana consiste no princípio de que no decorrer do processo de transformação da dinâmica social de certo lugar, os usos de edifícios existentes começam a sofrer modificações, visto que as necessidades da população se transformam. A mudança do uso de um local, acarreta na alteração do tipo edifício e da forma de ocupação do lote. Isto,

por sua vez pode transformar o desenho de quadras, que por fim pode intervir no desenho viário.

Com base nesta análise cartográfica pretendeu-se investigar quais foram as perdas dos aspectos morfológicos originais do traçado pensado pelo autor e refletir sobre como qual a projeção desta forma urbana dessa área de estudo no futuro.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

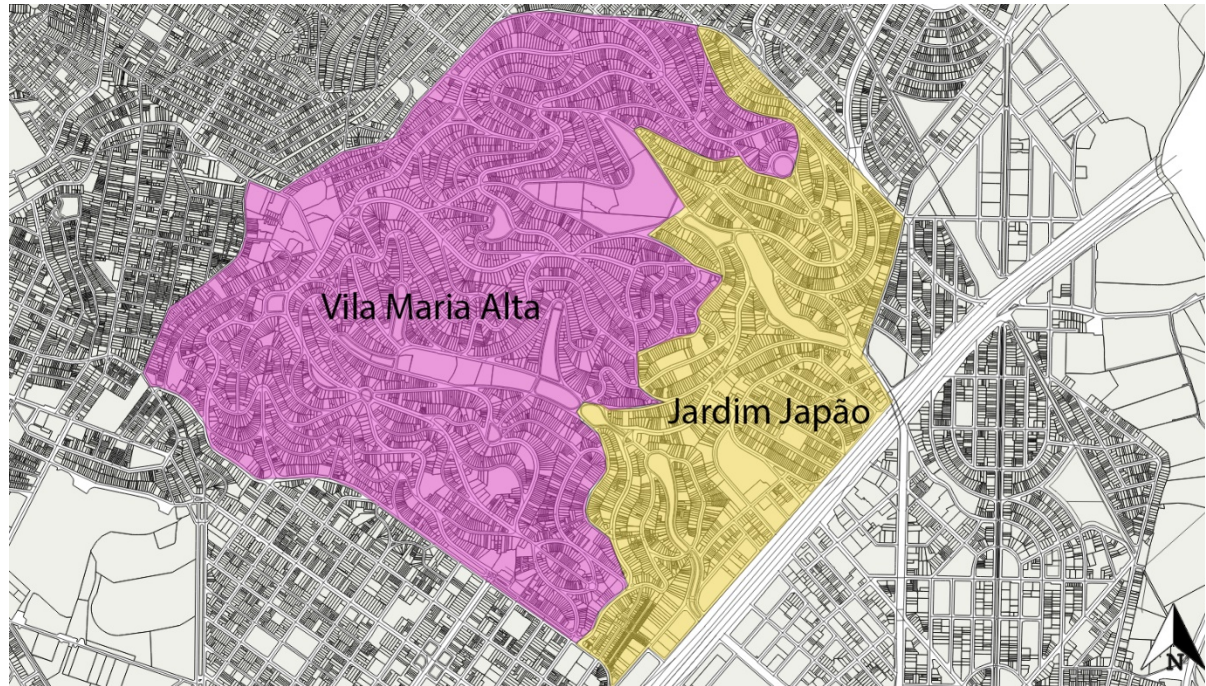
Os bairros do Jardim Japão e Vila Maria, situados na região nordeste da cidade São Paulo, foram implantados em um território que antes pertencia à antiga Fazenda Boa Vista. Esta Fazenda, ainda no início do século XX foi desmembrada e destinada à Companhia Paulista de Terrenos. A área da propriedade era caracterizada por uma parte baixa e plana, em área de várzea do Rio Tietê, e outra acidentada, formada por colinas com desnível topográfico de até 50m.

Esta gleba, em posse da Companhia Paulista de Terrenos, teve a contratação de Jorge de Macedo Vieira para loteamento de sua área mais alta. Assim, Macedo Vieira em 1922, teve projeto aprovado para o loteamento do que viria a ser o bairro de Jardim Japão. Dois anos mais tarde, Vieira foi contratado para executar o loteamento da Vila Maria Alta, lindeira ao Jardim Japão. “Analisando-se os dois projetos, do Jardim Japão e da Vila Maria, percebe-se claramente que foram pensados como um conjunto único, apesar de pertencerem a diferentes proprietários e de terem sido executados em períodos diversos” (KAWAI, 2000, p. 113) (Imagem 02.)

Como já mencionado, Vieira trabalhou na Cia. City e essa experiência teve muita influência em seus trabalhos posteriores. O desenho de ruas sinuosas, inserção de áreas verdes, arruamento congruente com as curvas de níveis, integração com a paisagem e com recursos naturais existentes, são algumas das semelhanças do traçado existente nos projetos do Jardim Japão e Vila Maria Alta, com os preceitos aplicados nos bairros-jardim pela Cia. City, por intermédio do trabalho de Barry Parker.

Por meio da leitura do projeto original do bairro do Jardim Japão, consultado no Arquivo Histórico Municipal de São Paulo (AHM/SP), nota-se que pela forma irregular das quadras, os lotes não apresentam dimensão e metragem quadrada padronizada. A área dos lotes varia entre unidades de aproximadamente 350 m² à 1700m². No acervo do Arquivo Histórico não havia documentação referente ao arruamento original da Vila Maria, no entanto, através da análise da cartografia disponível foi possível constatar que a divisão das quadras possui qualidades semelhantes, em relação a forma e tamanho.

IMAGEM 02. CARTOGRAFIA QUE ILUSTRA A CONEXÃO DOS BAIRROS DE VILA MARIA ALTA E JARDIM JAPÃO.



MAPA BASE: QGIS. MAPA SEM ESCALA.

Ambos os bairros foram concebidos como empreendimentos imobiliários residenciais. Nos documentos disponíveis sobre o lançamento e divulgação para venda dos lotes do Jardim Japão, a propaganda enunciava o desejo levar a qualidade e o estilo de vida semelhantes aos empreendimentos nobres da City, à população mais modesta (Imagem 03). Tal fato demonstra como a forma urbana escolhida era importante para o ideal de cidade e de qualidade de vida que se acreditava construir com a aplicação do modelo do *garden-city*.

IMAGEM 03. FOLHETO DE DIVULGAÇÃO E VENDA DOS LOTES DO JARDIM JAPÃO COM A SEGUINTE FRASE: “O JARDIM JAPÃO, COMPARADO COM A AV. PAULISTA TEM A MESMA ALTITUDE, MESMA BELEZA, MESMA DISTÂNCIA E MESMO CLIMA. DIFERE APENAS NO PREÇO.”



FONTE: IMAGEM RETIRADA DA DISSERTAÇÃO DE CÉLIA KAWAI, OS LOTEAMENTOS DE TRAÇADO ORGÂNICO NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.

A forma urbana consolidada dos bairros é definida principalmente por lotes ocupados por volumes sem recuos, e, em algumas situações com recuo em uma das laterais para estacionamento, gabarito baixo e uso residencial unifamiliar, ou de pequenos comércios e serviços. Passados os anos, os bairros mantiveram a sua função predominante residencial apesar das transformações do entorno, já que a retificação do rio Tietê e inauguração da via Marginal Tietê, na década de 1960 tiveram impacto no desenvolvimento da região:

Vila Maria sofreu transformações significativas ao longo do tempo, começando a ser verticalizada ainda na década de 1960, nas áreas limdeiras à Av. Alberto Byington. Esse processo acelerou-se bastante nos últimos anos. A abertura da Marginal do Tietê teve importante papel neste processo pois facilitou o seu acesso e sua ligação ao centro da cidade, trazendo grande impulso de ocupação do bairro. (KAWAI, 2000, pg. 121)

No zoneamento de realizado em 1957, o Jardim Japão e Vila Maria Alta, aparecem agrupados e delimitados como uma área predominantemente residencial. Na Lei de Zoneamento de 1972, foram classificados como Z2 (Zona predominantemente residencial de baixa densidade). Os zoneamentos apresentados indicam que esses bairros, por mais que periféricos, foram objeto de avaliação de planejamento urbano. Contudo, para CAMPOS, regiões como estas, afastadas do centro, não receberam devida atenção para classificação de suas zonas:

Toda a extensão urbanizada não enquadrada nas demais zonas foi considerada como Z2. A periferia urbana tornou-se assim uma imensa e indiferenciada zona predominantemente residencial de baixa densidade, com comércio e serviços de âmbito local, havendo possibilidade de verticalização, mas sendo de baixo coeficiente de aproveitamento, desestimulou os investimentos imobiliários. (CAMPOS, 2008, p. 128)

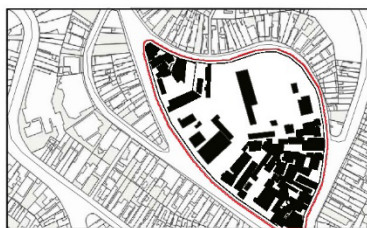
Atualmente os bairros detêm de vida ativa e de dinâmica própria, com comércio e serviços variados. Enquanto na Vila Maria a Av. Alberto Byington foi o eixo que se consolidou como aquele com maior concentração de serviços, no Jardim Japão este uso foi afirmado na Avenida das Cerejeiras. No zoneamento vigente, esses eixos, por esse caráter adquirido, são classificados como Zona de Centralidade, que segundo a Gestão Urbana de São Paulo é definida como: “porções do território localizadas fora dos eixos de estruturação da transformação urbana destinadas à promoção de atividades típicas de áreas centrais ou de subcentros regionais ou de bairros, em que se pretende promover majoritariamente os usos não residenciais, com densidades construtiva e demográfica médias e promover a qualificação paisagística e dos espaços públicos” (Fonte: Gestao Urbana SP). Esse dado é relevante uma vez que para Conzen, da citada escola Inglesa de Morfologia, a transformação da forma urbana tem início com a alteração do uso do solo.

Este preceito fundado por Conzen remete a outro tema importante, e bastante atual, da morfologia urbana que é o estudo do chamado *plot-based urbanism*, ou granulometria urbana. O principal conceito do plot based urbanism é que a menor unidade do território, ou seja, da morfologia urbana, é o lote. Tal ideia atribuí ao lote uma grande importância no tecido urbano. Por ser a menor unidade do território, é mais passível de transformações rápidas. Isto é, é no lote que está o maior gatilho para alterações na forma urbana.

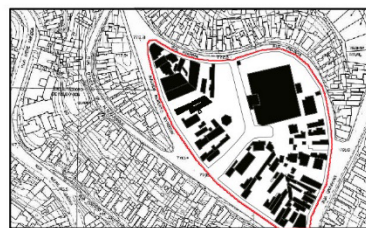
As noted by both Panerai et al (2004) and Tarbatt (2012) the plot being the smallest component and meaningful unit of the land division is considered to be the most recognizable feature in urban fabric that ensures organic transformation and adaptability of city structure in terms of increasing densities. It is argued that PBU is an aggregation of spatial principles, which are not connected to any specific planning process (Porta et al, 2010, Tarbatt, 2012). The way the plot is formed, "its size and geometry, its relationship with the street and the street hierarchy, how it forms up street fronts and eventually urban blocks, how all this informs human activities and urban functions, and finally how the plot finds a correspondence with property, usage and control, all that is fundamentally the matter of Plot-Based Urbanism" (ASRIBABAYAN, 2015)

As cartografias disponíveis com os bairros foram sobrepostas para delinear quais as transformações na morfologia urbana ocorreram. Com suporte deste material, foi possível constatar que apesar de passado quase um século da implantação dos bairros, suas características mais significantes, em geral, permanecem: tamanho e forma de ocupação dos

IMAGEM 04. ANÁLISE DAS TRANSFORMAÇÕES NO TERRITÓRIO. NA CARTOGRAFIA DE 1930 AINDA NÃO HAVIA OCUPAÇÃO DOS LOTES, ENTÃO O MAPA NÃO FOI INCLUÍDO NESTA ANÁLISE.



Vila Maria Alta - 2019
MDC



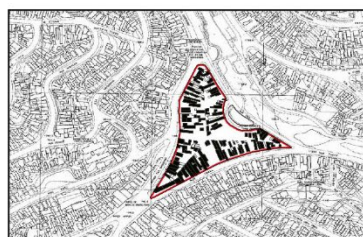
Vila Maria Alta - 1974
Gegran



Vila Maria Alta - 1954
Sara Brasil



Jardim Japão - 2019
MDC



Jardim Japão - 1974
Gegran

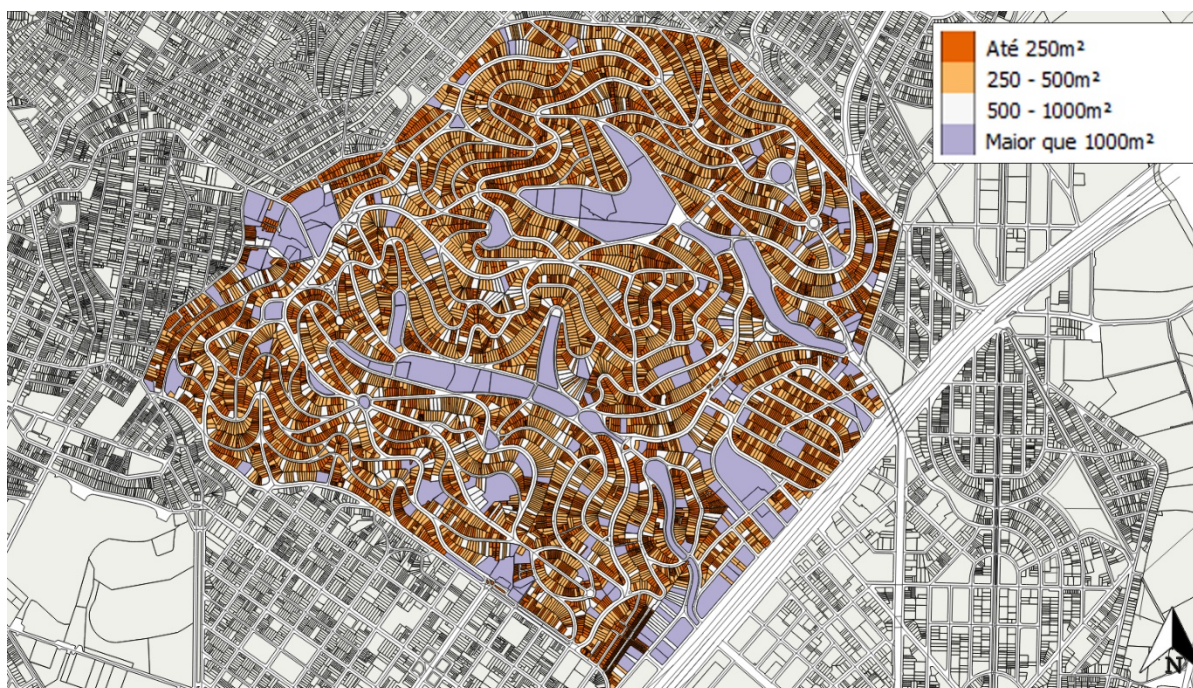


Jardim Japão - 1954
Sara Brasil

lotes, desenho das vias e quadras (Imagem 04). Quanto aos aspectos sociais, pode-se dizer que as transformações não foram bruscas, uma vez que os bairros permanecem caracterizados por habitações unifamiliares.

Desta forma, as constatações sobre estes territórios estão de acordo com os conceitos de Conzen e da granulometria urbana apresentados: Como para a Conzen a transformação da morfologia urbana de um local é estimulada pela alteração do uso, ou função, do lote e, logo, como essa transformação não ocorreu no território em questão, é normal que forma urbana original tenha prevalecido. E, ainda, os lotes permaneceram muito próximos ao parcelamento inicial, não gerando um estímulo para transformações mais profundas, como é afirmado pela teoria da granulometria urbana. Em ambos os bairros são predominantes os lotes de até 500m², caracterizando um território de granulometria urbana alta (Imagem 05).

IMAGEM 05. MAPEAMENTO COM TAMANHO DOS LOTES.



MAPA BASE: QGIS. MAPA SEM ESCALA.

Ainda dentro desta temática, notou-se que às áreas que verticalizaram, assim o fizeram sem as características predominantes de ocupação no bairro. As torres residenciais inseridas a partir da década de 1970 têm o volume solto no lote, recuo frontal, gabarito alto. Esses prédios ainda são minoria nos conjuntos dos dois bairros. Contudo, essas torres esparsas geram ruídos na paisagem predominantemente horizontal (Imagem 06).

Retomando mais uma vez a estudo da granulometria urbana é possível perceber como a mudança nos lotes de maior dimensão são mais rápidas e impactantes. As alterações mais notáveis são aquelas que acontecerem em terrenos de grande porte, onde era possível que

esse tipo de empreendimento fosse construído. Este conceito também está atrelado ao ideal de cidade compacta. No caso de locais com granulometria menor, isto é, com predominância de lotes de pequena dimensão, é natural que haja maior diversificação dos usos. Outro fator associado aos bairros com esta morfologia é a apresentarem uma escala mais próxima do pedestre, de ruas com fachada ativa.

IMAGEM 06. A IMAGEM ILUSTRA A VERTICALIZAÇÃO ESPARSA E DESCARACTERIZAÇÃO DA FORMA URBANA DOS BAIRROS.



MAPA BASE: GOOGLE EARTH

Esses novos condomínios residenciais que têm sido implantados além de transformarem a paisagem urbana com suas torres verticais e isoladas no lote, transformam também a relação da construção com a rua, e por consequência dos moradores com a rua. Vale destacar, que paisagem urbana não é configurada apenas pela morfologia do traçado e das edificações, como também pela forma como as relações sociais se estabelecem em certo espaço. “Efetivamente, uma cidade é algo mais que do que o somatório dos seus habitantes: é uma unidade geradora de um excedente de bem-estar e de facilidades que leva maioria das pessoas a preferirem – independente de outras razões- viver em comunidade a viverem isoladas.” (CULLEN, 1971)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No momento inicial desta pesquisa acreditava-se que Vieira Macedo teria também desenhado o projeto de Vila Maria Baixa. Contudo, com o decorrer da pesquisa verificou-se que o engenheiro é autor apenas da Vila Maria Alta. Tal devaneio se deu em virtude dos traçados da parte Baixa e Alta, tão diferentes entre si, se conectarem com fluidez. Todavia,

o equívoco levou a revelar a habilidade de Vieira em tratar diferentes formas de traçado. “[Macedo Vieira] preocupava-se em criar uma ligação harmoniosa entre o traçado sinuoso do seu projeto e o reticulado da Vila Maria baixa, do qual seu projeto era, propriamente um prolongamento. Apesar de apresentarem desenhos muito contrastantes, os dois bairros ficaram perfeitamente conectados, permitindo uma circulação viária eficiente.” (KAWAI, 2000, pg. 115)

Não obstante, Vieira não projetou apenas bairros típicos do ideal de bairro-jardim. Sua produção é bastante vasta, e pelas tipologias adotadas no seu desenho urbano, pode-se afirmar que era muito rigoroso formalmente e atento às tendências urbanísticas de sua época. Vieira projetou também, por exemplo, o bairro Edu Chaves, de São Paulo, que segue o arquétipo dos preceitos estabelecidos pelo movimento norte-americano do City Beautiful. Assim, a metodologia de Macedo Vieira pode ser descrita como: “[...] Rica em adoção e adaptação de modelos urbanos – notadamente “garden city” em maior monta, “city beautiful” e “beaux arts”, também em inúmeras ocasiões -, conforme as características do sítio objeto de intervenção, assim o exigisse. Notamos que o tempo todo Macedo Vieira recorre a esse híbrido de cultura urbana. Não se liga em específico a uma corrente ou linha e sim, adota as soluções conforme as necessidades.” (BONFATO, 2003, p. 07)

O estudo de sua obra, dado o contexto temporal e urbano em que foram implantados, se faz relevante na atual conjuntura de São Paulo, em que a cidade está consolidada e tem necessidade de desenvolver zonas periféricas. O desenvolvimento dessas áreas é de fato necessário, mas é essencial que haja um planejamento consistente e atento às questões da forma urbana, de forma que sejam preservados seus aspectos significativos. Nesse sentido, se fez coerente aplicar os estudos de granulometria urbana sobre os bairros em questão, pois apontam a importância das preexistências em cidades consolidadas e colocam em discussão novas formas de ocupação lote que não sejam desfavoráveis para a sua morfologia urbana.

Em uma cidade com do porte como a de São Paulo, onde transformações acontecem constantemente, é fundamental o estudo e aplicação de métodos de preservação de bairros com características peculiares. Quando se fala em preservação, não é pensado apenas em no papel do tombamento, mas na criação de recursos e parâmetros do planejamento urbano que possam favorecer a forma urbana existente. Nesta perspectiva, inclusive o tombamento de perímetros urbanos já está sendo revisto, em razão de o tombamento ter se revelado em alguns casos como um instrumento que engessa o desenvolvimento áreas, comprometendo a aspectos intrínsecos à cidade, que são a evolução, adaptação e resiliência. A resiliência urbana, por sua vez, é a capacidade de um local se adaptar as transformações que ocorrem ao longo dos anos.

Resilience, as an essential property of places, is inherently linked with the prosperity of cities as the UN Habitat report notes. Places that are resilient show a high capacity to absorb change, to assimilate transitions, without having to renounce what gives them character and structure. Resilience can be considered at many scales in the environment. As our interest is in urban design, we shall think of resilience primarily in relation to city form. (Disponível em: <https://www.academyofurbanism.org.uk/journal-plot-based-urbanism-a-roadmap-to-masterplanning-for-change/>, acesso em 15/05/2019)

A falta de um planejamento urbano consistente para a cidade de São Paulo está fazendo com que ela cresça e se desenvolva de maneira descoordenada, neste caso, sob a ótica da estética. A cidade cresce sem harmonia, criando como um “paliteiro” na paisagem, formado por prédios altos intercalados com sobrados de gabarito baixo. Esse cenário é resultado das leis existentes de regulamentação de uso e ocupação do solo e também do poder do mercado imobiliário em São Paulo, que lança empreendimentos sempre visando o maior lucro possível.

A tipologia de edifícios verticais e isolados no lote se consagrou, gerando um modelo que tem sido repetido desenfreadamente. Esta forma de adensamento, no entanto, tem alternativas que seriam mais apropriadas, principalmente em casos onde o entorno tem o gabarito mais baixo, por exemplo.

A verticalização é forma mais fácil de adensar um lote. Contudo, seguindo outros parâmetros de ocupação do lote é possível conseguir um adensamento próximo ao de um edifício vertical, adotando um projeto horizontalizado. O interesse em respeitar a morfologia de uma região é uma questão de desenho urbano e da gestão da cidade.

Os bairros estão hoje em pleno processo de transformação. A abertura de avenidas marginais e a instalação de grandes shopping-centers valorizaram este setor da cidade. Além disto, a forte presença das áreas verdes cria um diferencial positivo numa região bastante carente de verde, como é a zona norte da cidade. Sua boa qualidade ambiental, proximidade do centro, boa acessibilidade e o fato de ser bem servido em termos de comércio e serviço, tornaram o local muito procurado para moradia, criando demanda para sua verticalização. (KAWAI, 2000, p. 121.)

Contudo, os bairros de Vila Maria Alta e Jardim Japão vivenciaram um conjunto de situações que dificultaram descaracterização completa desses sítios. A permanência do cunho residencial dos bairros e a falta de dispositivos do planejamento urbano que atraíssem investidores do mercado imobiliário diminuíram o ritmo de transformação dos bairros. Somado à isto, os lotes existentes são de tamanho mediano, ou seja, para grandes impedimentos seria necessário a compra de vários pequenos terrenos, o que pode ser um processo demorado.

A dedicação sobre a morfologias dos bairros apresentados levou à percepção de que de que paisagens formadas pela morfologia do bairro são de grande valor : “As quadras,

embora apresentem setores modificados pelo parcelamento, têm traçado que incentivou a implantação da edificação nos lotes de modo a usufruir da paisagem, com visuais amplas voltadas para os fundos de vale” (KAWAI, 2000, p. 121). Logo, entende-se que a conservação da paisagem urbana da Vila Maria e Jardim Japão deveria ser alvo de estudo mais extenso. Os moradores destes bairros já possuem uma relação afetiva forte com o local, pois se trata de uma zona antiga e tradicional. É interessante agora estender o conhecimento desta comunidade para o âmbito da cidade. Para tanto, ações de educação patrimonial seriam interessantes para disseminar a história e importância do desenho e formação bairro, bem como da atuação de Jorge Macedo Vieira, em São Paulo.

Os casos de tombamento dos bairros Jardim América e Jardim da Saúde, este último também com traçado de autoria de Macedo Vieira, são exemplos de engajamento da comunidade para a preservação das características da sua forma urbana. O pedido de tombamento dessas zonas se deu por meio da ação e investida das respectivas associações de moradores. No caso do Jardim América, o tombamento está sendo revisto pois a restrição de uso residencial trouxe problemas para a região, sobretudo ligados à segurança.

Estudos recentes do urbanismo, apresentados através da Nova Agenda Urbana, formulada pela ONU, entre outros tópicos, propõe que sejam projetadas cidades mais inclusivas e igualitárias, baseadas na sustentabilidade ambiental e econômica. Essa sustentabilidade desejada seria promovida, sobretudo pelo planejamento de cidades compactas. O modelo de cidade compacta proposto pressupõe que exista uma multipolaridade nas grandes metrópoles. Portanto, diante do cenário construído com esta pesquisa, entende-se que para os bairros em questão, Jardim Japão e Vila Maria Alta, deveria existir um plano de desenvolvimento urbano mais específico e correspondentes às peculiaridades da região.

O Jardim Japão e Vila Maria são bairros ricos em diversidade de atividades, por isso, seria adequado um plano que estivesse voltado mais a preservação da forma e da paisagem existente. Os parâmetros de ocupação vigentes são genéricos para a cidade e, neste caso, podem interferir na paisagem e forma urbana que são significativas em termos urbanos e históricos, uma vez que retratam um ideal de cidade que se estava construindo no início do século XX.

4. REFERÊNCIAS

ACKEL, Luiz; e CAMPOS, Cândido Malta. Antecedentes: a modernização de São Paulo. In: SOMECK, Nadia; e CAMPOS, Cândido Malta (Orgs.). A cidade que não pode parar: planos urbanísticos de São Paulo no século XX. 1ª reimpressão da 1ª ed. São Paulo: Mackenzie, 2008.

ARAÚJO LOPES, Maria Ester de. Conhecer os bairros-jardins paulistanos confi nados nos arquivos: o caso do Jardim América. 2016. 1 recurso online (372 p.). Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/305385>>. Acesso em: 30 ago. 2018.x

ASRIBABAYAN, Ani. Vertical plot-based urbanismo: The Impact of Vertical Plot-Based Urban Design on Future Cities, Housing, Density and Legal Framework?. Tese de Mestrado da Oxford Brookes University, 2015.

BONFATO, Antônio Carlos. Jorge de Macedo Vieira: o orgânico e o geométrico na prática urbana (1920-1960).Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, [S.l.], v. 5, n. 2, p. 75, nov. 2003. ISSN 2317-1529. Disponível em: <<http://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/98>>. Acesso em: 10 jul. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.22296/2317-1529.2003v5n2p75>.

COSTA, Staël de Alvarenga Pereira; GIMMLER NETTO, Maria Manoela. Fundamentos de morfologia urbana. Belo Horizonte: C / Arte, 2015. 236 p. ISBN 9788576543022

CULLEN, Gordon. Paisagem urbana. Lisboa: Edições 70, 1971. 197 p.

DEL RIO, Vicente. Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento. São Paulo: Ed. Pini, 197 p.

KAWAI, C. Os loteamentos de traçado orgânico no município de São Paulo na primeira metade do século XX. São Paulo, 2000. Dissertação (Metrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

MOUDON, Anne Vernez. Urban morphology as an emerging interdisciplinary fi eld. Washington: College of Architecture and Urban Planning. 1997

ROSANELI, Alessandro Filla. A morfologia urbana como abordagem metodológica para o estudo da forma e da paisagem de 86 assentamentos urbanos. São Paulo.

WOLFF, Sílvia Ferreira Santos. Jardim américa: o primeiro bairro-jardim de São Paulo e sua arquitetura. São Paulo: EDUSP, 2015. 295 p. ISBN 9788531415241

Contatos: oliveira_marcella@yahoo.com e heraldofborges@gmail.com